

12 ABB 1996

Meditações portenhas

O GLOBO

LUIZ PAULO HORTA

O presidente Fernando Henrique entrou na linha de tiro dos intelectuais. Não é difícil imaginar por quê. Intelectual gosta de controlar os seus pares; e o presidente é membro ilustre da confraria. Além de ilustre, nunca negou que é vaidoso; e a vaidade é convite a pedradas.

Pessoalmente, confesso admiração pelo homem que se ocupa dos negócios do país. Ele é honesto, tem talento e tem biografia. Mas fico pensando, algo perplexo, naquela velha frase de Lao Tse: "O sábio não fala; os talentosos falam; os estúpidos discutem".

Quer isso dizer que, para ser sábio, um presidente não devia falar nada? É coisa difícil de praticar. Mas reconheçamos que os presidentes mais espertos foram os que menos revelaram suas intenções — Getúlio Vargas encabeçando a lista.

Já o presidente de agora parece dizer tudo o que lhe passa pela cabeça. É vício de professor brilhante, fascinado com o seu próprio mecanismo mental; mas, para a Presidência, é um estorvo de proporções monumentais.

Veja-se, por exemplo, esta sob alguns aspectos tão bem-sucedida visita à Argentina. É ótimo que um estadista brasileiro pise com tanta desenvoltura os gramados platinos. Guardadas as devidas proporções, a aliança Menem-FH pode ser, para as nossas bandas, o que foi a amizade De Gaulle-Adenauer, ou Mitterrand-Helmut Kohl, no sentido de anular antipatias antigas; de fazer os dois poderes que contam, em suas respectivas áreas, tocarem piano a quatro mãos.

Bom, muito bom. Mas precisa sair com falatório? Por que é que, indo para a Argentina, o presidente se permite dizer que é um argentinista, e que, se os chilenos são nossos primos, os argentinos são primos-irmãos? Depois de séculos de rivalidade, esses acessos de paixão parecem excessivos.

Para ter uma sólida e fecunda aliança com a Argentina, o Brasil não precisa aprender a dançar tango, e muito menos diminuir a sua imagem de líder natural do continente. Basta olhar o mapa: com a posição que ocupa, deveria mesmo o Brasil, neste lado do mundo, "fechar" definitivamente com A ou B?

Começa que isso é uma injustiça com os chilenos. Outro olhar ao mapa mostra por que os chilenos sempre foram fiéis amigos do Brasil: eles têm na Argentina uma vizinhança meio incômoda, que por um triz não resultou em guerra. O lance normal de equilíbrio estratégico, para os chilenos, é confiar no Brasil. Mas se o Brasil, por seu presidente, se declara argentinista, ficam queimados os cartuchos de que poderíamos dispor em eventuais confusões por aqueles lados.

Foi De Gaulle, ou Talleyrand, ou algum outro francês inteligente, quem disse: em política externa não há amizades; há apenas interesses. Pode parecer cínico; mas este não é, mesmo, o lugar para se exercitar o sentimentalismo.

O presidente, entretanto, não ficou nisso. Permitiu-se expansões, também, no terreno delicado das Malvinas — ou Falklands, como querem os ingleses. Proclamou o direito inalienável dos argentinos às Malvinas e às ilhotas que ficam ali por perto. Simples barretada diplomática, agora que a guerra já acabou? Mas havia, mesmo, necessidade disso?

Os argentinos podem ser — e são — importantíssimos parceiros. O Mercosul é um sucesso financeiro e diplomático. Mas todo mundo sabe que, entre as qualidades deles, não se conta a moderação, o equilíbrio. Basta ver um jogo Brasil-Argentina, no futebol, e lá está escancarada a verdade: eles são temperamentais, podem perder a cabeça por um dá cá aquela palha. Assim se meteram numa confusão absolutamente inútil no caso das Malvinas; foram para uma guerra que só podiam perder, e inventaram a intervenção armada como solução para problemas regionais — todo o contrário do que o Barão do Rio Branco passou a vida inteira fazendo, e que é a própria essência da nossa diplomacia. Para que, então, mexer um presidente brasileiro nesse vespeiro? Não sabe o nosso comandante que os habitantes das Malvinas não têm a mais leve intenção de virar argentinos — e que a eles, afinal, deveria caber a decisão sobre o seu destino? Vamos transformar as Malvinas numa espécie de Taiwan sul-americana, sempre ameaçada pela potência continental?

Nada disso é para estragar os bons ares que o presidente deve estar trazendo de Buenos Aires; mas apenas para lembrar que, como costumava dizer a minha avozinha, em boca fechada não entra mosca. Ou seria "o silêncio é de ouro"?

LUIZ PAULO HORTA é editorialista do GLOBO.